

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p><b>PSICO</b></p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623   ISSN-L: 0103-5371</p>
<p> <a href="http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.37366">http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.37366</a></p>	

SEÇÃO: ARTIGO

## A relação entre fobias específicas com ansiedade, impulsividade e depressão: um estudo exploratório

*The relation of specific phobias with anxiety, impulsivity and depression: an exploratory study*

*La relación entre fobias específicas con ansiedad, impulsividad y depresión: un estudio exploratorio*

**Silvio José Lemos**

**Vasconcellos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6415-7494](https://orcid.org/0000-0001-6415-7494)  
[silviojvasco@hotmail.com](mailto:silviojvasco@hotmail.com)

**Andressa Rocha da Cas<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-3463-7064](https://orcid.org/0000-0002-3463-7064)  
[andressa.rdacas@gmail.com](mailto:andressa.rdacas@gmail.com)

**Stephane Mossmann**

**Ferreira<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4529-3113](https://orcid.org/0000-0002-4529-3113)  
[stephanemosmann@gmail.com](mailto:stephanemosmann@gmail.com)

**Juliana Thais**

**Schneider<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-8519-3355](https://orcid.org/0000-0001-8519-3355)  
[julianatschneider@gmail.com](mailto:julianatschneider@gmail.com)

**Carolina Bevilacqua**

**Vedoin<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7979-6990](https://orcid.org/0000-0002-7979-6990)  
[carolinavedoin@gmail.com](mailto:carolinavedoin@gmail.com)

**Thamires Pereira**

**Barbosa<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7292-9148](https://orcid.org/0000-0002-7292-9148)  
[thami.pereira@gmail.com](mailto:thami.pereira@gmail.com)

**Recebido em:** 16 mar.2020.

**Aprovado em:** 26 maio2021.

**Recebido em:** 18 abr. 2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

**Resumo:** Uma fobia específica é um medo irreal ou extremo de uma situação, objeto ou ambiente específico. Teorias iniciais sobre aquisição de fobias específicas favoreceram uma explicação no condicionamento do medo. Este artigo quantificou medos com um potencial ofensivo maior e menor para as espécies em uma amostra de 148 estudantes com média de idade de 21,5 anos (DP = 2,6). Além das diferenças estatisticamente significantes entre as duas categorias de medo, houve uma correlação de medos de uma menor ofensa potencial para humanos com ansiedade e depressão, estresse e impulsividade. Este trabalho pode ajudar a elucidar problemas relacionados a incidência de certas fobias.

**Palavras-chave:** fobias, ansiedade, depressão, impulsividade, psicologia evolucionista

**Abstract:** A specific phobias an unrealistic or extreme fear of a specific situation, object, or setting. Initial theories regarding the acquisition of specific phobias favored a fear conditioning-based explanation. The present article quantified fears with higher and lower offensive potential for the human species in a sample of 148 students with an average age of 21,5 years (DP = 2,6). In addition to statistically significant differences between the two categories of fear, there was a correlation of fears of lower offensive potential for humans with anxiety and depression, stress and impulsivity. This work may help to elucidate issues related to the incidence of certain phobias.

**Keywords:** phobias, anxiety, depression, impulsiveness, evolutionary psychology

**Resumen:** Una fobia específica es un miedo poco realista o extremo a una situación, objeto o entorno específico. Teorías iniciales sobre la adquisición de fobias específicas favoreció una explicación basada en el condicionamiento del miedo. El presente artículo cuantificó los temores con un potencial ofensivo mayor y menor para la especie en una muestra de 148 estudiantes comum a edad media de 21, 5 años (DP= 2,6). Además de las diferencias estadísticamente significativas entre las dos categorías de miedo, hubo una correlación de los temores de un menor potencial ofensivo para los humanos con ansiedad y depresión, estrés e impulsividad. Estetrabajo puede ayudar a dilucidar problemas relacionados con la incidencia de ciertas fobias.

**Palabras clave:** fobias, ansiedad, depresión, impulsividade, psicologia evolucionista

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua quinta edição – DSM-V, as fobias específicas inserem-se na categoria denominada transtornos de ansiedade, sendo definidas pelo medo ou ansiedade evocados pela presença de uma situação ou objeto fobi-

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

co (Associação Americana de Psicologia [APA], 2013). O referido manual não apresenta, entretanto, uma lista completa de todas as fobias possíveis, considerando o próprio fato de que algumas podem ser exclusivamente direcionadas para um objeto ou situação desencadeante. É o caso de quadros patológicos como a cnidofobia (medo de cordas) ou ciberfobia (medo de computadores).

O Atlas da Saúde (2019) apresenta, em sua versão on-line, um catálogo onde são expostos 482 tipos de fobias específicas. A denominação desses quadros costuma valer-se de uma palavra latina referente ao conteúdo da ansiedade, juntamente com o sufixo "fobia", que representa o medo em suas diferentes formas de manifestação. Cita-se como exemplo a palavra aracnofobia, cujo prefixo "aracno" refere-se a aranhas, sendo, portanto, uma fobia de aranhas (Santana et al., 2018).

As pesquisas epidemiológicas sobre a prevalência das fobias específicas costumam ser onerosas, considerando a própria pluralidade das fobias existentes e as especificidades culturais para transtornos desse tipo. Um estudo com 200 indivíduos realizado em uma província do Paquistão, identificou, por exemplo, taxas bastante elevadas de fobia específica, alcançando quase a metade da população. Em contrapartida, uma pesquisa realizada em vinte localidades distintas na Itália identificou apenas 2,3% de ocorrência de fobias específicas na amostra investigada. Nesse mesmo estudo, a comorbidade com outros quadros clínicos mostrou-se presente em aproximadamente metade dos casos em indivíduos com idade superior a trinta anos (Sancassiani et al., 2019). Um trabalho similar identificou que a comorbidade, persistência e gravidade dos transtornos internalizantes, incluindo depressão, aumentaram com o número de subtipos de fobias específicas na infância, gerando uma taxa muito maior de tentativas de suicídio ao longo da vida (Vries et al., 2019).

Recentemente, um amplo estudo que alcançou 22 países, totalizando uma amostra de 124.902 indivíduos indicou a ocorrência de alguma fobia específica ao longo da vida em 7,4% da popula-

ção em geral. Esses números tendem a ser mais elevados para mulheres (9,8%) em comparação a homens (4,9%). Além disso, a comorbidade com outros quadros clínicos ao longo da vida atingiu 72,6% dos casos, conforme indicou essa mesma pesquisa (Wardenaar et al., 2017). Estudos anteriores indicavam percentuais mais altos, alcançando 81% dos casos (Magee et al., 1996).

Ao revisarem 25 estudos em diferentes países e contextos, Eaton et al. (2018) sugeriram que as taxas de prevalência ao longo da vida podem variar de 2 até 7% na população em geral. Esses mesmos autores indicam ainda uma incidência maior em indivíduos do sexo feminino, principalmente no final da infância e ao longo da adolescência. Já no que se refere à associação de fobias específicas em geral com doenças físicas ou alterações fisiológicas, Witthauer et al. (2016) destacaram uma relação mais direta com a incidência de problemas gastrointestinais, porém não cardíacos na amostra investigada.

Algumas explicações evolutivas para o fenômeno das fobias específicas têm sido frequentemente aludidas na literatura especializada. Aventa-se, por exemplo, uma preparação estrutural do organismo para responder com maior prontidão aos estímulos que se mostram mais ameaçadores. Essa perspectiva desafia uma das explicações mais recorrentes envolvendo a teoria do condicionamento que preconiza a equipotencialidade dos estímulos desencadeantes (Coelho & Purkis, 2009; Zsidó, 2018). Em outras palavras, determinados seres vivos, situação ou objeto tendem a mobilizar mais intensamente o medo e, além disso, de um modo que independe de ocasiões prévias de pareamento.

Uma sinalização seletiva correspondente ao tipo de estímulo, sem descartar o processo de condicionamento em termos mais amplos, tem sido observada em estudos empíricos nesse campo (Lipp et al., 2014; Zsidó, 2018). Entretanto, uma revisão sistemática relacionada à resistência à extinção envolvendo o medo de animais com ou sem potencial ofensivo evidenciou que essa diferença foi encontrada em apenas 31% dos experimentos realizados (Ahs et al., 2018). Cabe

destacar ainda que um estudo de meta-análise com gêmeos indicou uma herdabilidade de 45% para fobias específicas (Van Houtem et al., 2013). Esses dados sugerem que a perspectiva evolutiva relacionada a uma preparação biológica diante de determinados estímulos revela-se uma explicação plausível, ainda que parcial para a etiologia dessas fobias.

No que se refere aos circuitos cerebrais correspondentes às manifestações das fobias específicas, cabe ressaltar que a reatividade emocional nesses quadros diz respeito à manifestação do medo em um sentido mais amplo. Achados atuais sugerem, nesse sentido, a existência de duas redes independentes capazes de promover o condicionamento do medo e a sua respectiva extinção. De um lado, um circuito capaz de abarcar estruturas como a ínsula, a amígdala, o tálamo e o córtex ventromedial que, por sua vez, tendem a funcionar de forma não correlata ao circuito que inclui córtex orbitofrontal, estriado, cerebelo e outras (Marstaller et al., 2016). A amígdala tem sido aludida como uma estrutura fundamental para esse tipo de reatividade emocional. A especificidade no que se refere à ativação dos núcleos basolaterais da amígdala também sugere que pode existir algum tipo de seletividade quanto a uma reação preparada para determinados estímulos (Mendez-Bertólo et al., 2016; Ahs et al., 2018).

Considerando a relação direta e dimensional da manifestação do medo com a ocorrência de fobias específicas propriamente ditas, o presente estudo buscou investigar em que medida a intensidade de determinados tipos de medo apresentou relação com sintomas de depressão, ansiedade ou tendências comportamentais ligadas à impulsividade. Para tanto, os autores elaboraram um questionário pelo qual foi possível inserir itens relativos ao medo de situações, organismos ou objetos com maior potencial ofensivo para a espécie, bem como outros, indicando menor potencial ofensivo. A hipótese principal para este trabalho relacionou-se à possibilidade de que os níveis de medo relativo a situações, organismos e objetos com menor potencial ofensivo mos-

trar-se-iam mais correlacionados a sintomas de ansiedade, depressão e impulsividade. A opção por elaborar um questionário para esses fins foi decorrente do fato de que os instrumentos pesquisados e existentes no contexto internacional para avaliar medos ou fobias específicas a exemplo do *Situated Fear Questionnaire (SFQ)* ou do *Specific Phobia Questionnaire (SPQ)* não seriam adequados para testar a hipótese mencionada. Ou seja, não foram elaborados com o intuito de propiciar escores específicos para as modalidades de medo anteriormente aludidas.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 148 estudantes universitários de diferentes cursos de uma universidade pública na região sul do Brasil, sendo 48 mulheres e 100 homens. A idade variou de 18 até 32 anos, sendo que a média dos participantes foi de 21,5 anos e DP = 2,6.

### Instrumentos

O questionário para avaliar fobias específicas foi elaborado pelos pesquisadores a partir de 30 fobias específicas, sendo 15 delas relacionadas a organismos, objetos ou situações com maior potencial ofensivo para a espécie. A expressão de maior potencial ofensivo para a espécie fundamenta-se nos pressupostos da Psicologia Evolucionista que consideram situações, objetos ou organismos existentes há milhões de anos e que se mostram, desde o Pleistoceno, capazes de colocar em risco um grande grupo de indivíduos (Vasconcellos, 2005). Citam-se como exemplo acrofobia (medo de altura); brontofobia (medo de raios e trovões); escotofobia (medo do escuro). Além de outros 15 itens relacionados a fobias com baixo potencial ofensivo para a espécie, ou seja, não condizentes com os princípios anteriormente destacados. Citam-se como exemplo coulrofobia (medo de palhaços); grafofobia (medo da escrita); gerontofobia (medo de pessoas idosas). Essa lista passou por três juízes, todos pesqui-

sadores de temáticas relacionadas a transtornos de ansiedade e, a partir da avaliação qualitativa desses mesmos itens quanto à possibilidade de inseri-los em uma ou outra categoria, uma versão final do instrumento foi elaborada. Restou, a partir disso, um protocolo com 16 itens, sendo oito relacionados a fobias com menor potencial ofensivo para a espécie (pnigerofobia; cremnofobia; aerofobia; anginofobia; astrafobia; astrapofobia; aracnofobia; acluofobia) e oito itens com fobias mais raras e com um potencial ofensivo supostamente menor para a espécie (gerontofobia; decidofobia; coulrofobia; cacorafiofobia; alodoxafobia; afefobia; amnesifobia; aeronausiofobia). O cabeçalho deste instrumento solicitava que o participante indicasse o seu nível de medo em uma escala Likert variando de 1 para total ausência de medo e 7 para medo extremo. Além disso, foi explicado aos participantes que o instrumento não objetivava identificar a existência de determinadas fobias, mas tão somente quantificar o medo relacionado aos estímulos desencadeantes.

Foi utilizada a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21), em sua versão reduzida, desenvolvida por Lovibond e Lovibond (1995). Adaptada e validada para o Brasil por Vignola e Tucci (2014), a DASS-21 é uma escala de autorrelato e possui 21 itens, onde cada fator corresponde a uma subescala de sete itens. Os itens referem-se a sintomas experimentados pelo indivíduo na semana anterior e usa uma escala do tipo Likert de quatro pontos, sendo: 0 = não se aplicou de maneira alguma; 1 = aplicou-se em algum grau, ou por pouco tempo; 2 = aplicou-se em um grau considerável, ou por uma boa parte do tempo; 3 = aplicou-se muito, ou na maioria do tempo. Para obter o escore total da DASS-21, as pontuações de cada subescala devem ser multiplicadas por dois e as variações de escores correspondem a níveis de sintomas, que variam entre "normal" e "muito grave".

Também foi utilizada a Escala de Impulsividade de Barratt (BIS-11) desenvolvida por Ernst Barratt (1959), traduzida e adaptada para o Brasil por Malloy-Diniz et al. (2010). A BIS-11 é uma escala de

autorrelato composta por 30 itens relacionados às manifestações da impulsividade e respondidos de acordo com uma escala do tipo Likert de quatro pontos, sendo: 1 = raramente ou nunca; 2 = de vez em quando; 3 = com frequência; 4 = quase sempre/sempre. A pontuação da escala varia de 30 a 120 pontos, e altos escores indicam a presença de comportamentos impulsivos. Além de um escore total, a BIS-11 permite o cálculo de escores parciais referentes a três dimensões da impulsividade, sendo eles a impulsividade motora, a atencional e por não planejamento.

### *Procedimentos para a coleta dos dados*

Após a autorização dos cursos nos quais a pesquisa ocorreu, bem como a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da universidade à qual está vinculado (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE: 95117418.1.0000.5346 e parecer consubstanciado número 2.821.393), a pesquisa foi realizada em diferentes salas de aula da universidade. Inicialmente, os participantes assinavam os termos de consentimento. Na sequência, aplicavam-se os instrumentos DAS-21, BIS11 e, logo depois, o questionário sobre medos relacionados a fobias específicas. A coleta dos dados durou, em média, 25 minutos e, ao término da mesma, foi ratificado que os dados seriam usados apenas para fins de pesquisa sem a identificação dos participantes.

### *Análise dos dados*

Os dados foram analisados por meio do *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* – versão 20.0. As análises descritivas foram utilizadas para melhor caracterizar a amostra avaliada. A análise de normalidade dos dados foi feita por intermédio do teste de Klomogorov-Smirnov, sendo verificados os valores de curtose e assimetria das variáveis a serem analisadas, que se situaram em torno de 0 (Field, 2009).

## **Resultados**

Na sequência, é apresentada a Tabela 1 contendo as correlações obtidas entre os fatores

constituintes da BIS11 e DAS 21 e os medos que integram as duas modalidades de fobias, considerando, para tanto, o nível de potencial ofensivo

para os organismos pertencentes à espécie a qual o ser humano pertence. Apresenta-se, ainda, a média dos escores verificados na amostra.

**Tabela 1** – Correlação entre fobias específicas, ansiedade, depressão e impulsividade

Fatores DAS 21 e BIS 11	Média	Correlação com medos relacionados a estímulos com maior potencial ofensivo para espécie	Correlação com medos relacionados a estímulos com menor potencial ofensivo para espécie
Depressão	6,13	0,05	0,30**
Estresse	9,24	0,19**	0,33**
Ansiedade	4,77	0,02	0,26*
Impulsividade motora	24,05	0,09	0,24**
Impulsividade atencional	18,92	0,17	0,30**
Não planejamento	24,95	0,04	0,13

Nota. \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,001$

A Tabela 1 é sugestiva quanto a uma possível relação entre as principais variáveis investigadas. Faz-se necessário considerar que as duas modalidades das fobias que fundamentaram esta pesquisa podem, portanto, apresentar relação distintas com manifestações ligadas à ansiedade e à impulsividade por exemplo.

A Tabela 2 estabelece uma comparação relacionada aos escores dos medos anteriormente mencionados e integram duas modalidades de fobias, considerando, para tanto, o nível de potencial ofensivo para os organismos pertencentes à espécie a qual o ser humano pertence.

**Tabela 2** – Comparação quanto a ocorrência de medos relacionado a estímulos com maior potencial ofensivo para a espécie (Maior POE) e medos relacionados a estímulos com menor potencial ofensivo para a espécie (Menor POE)

Escolha envolvendo Maior POE		Escolha envolvendo Menor POE		Significância	Tamanho do Efeito	
Média	DP*	Média	DP*	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
23,99	9,9	17,57	5,9	35,7	<001	0,81

Nota. \*Desvio-Padrão

A Tabela 2 compara as modalidades de fobia postuladas neste trabalho. Corrobora a distinção destacada anteriormente e sugere, portanto, que essas modalidades de fobias podem envolver mecanismos cognitivos diferenciados.

## Discussão

O presente estudo não objetivou examinar a prevalência ou a incidência de fobias específicas. Os dados permitem apenas inferir o quanto as manifestações do medo relacionado a determinadas fobias específicas diferem-se quando o potencial ofensivo para a espécie a qual pertencemos é considerado. Além disso, o trabalho per-

mite ainda avaliar os níveis de correlação desses medos com sintomas de ansiedade, depressão e impulsividade. Os níveis de estresse mensurados pela DAS 21 são aluídos neste artigo, porém apenas de forma complementar, considerando que tal avaliação acabou não perfazendo a hipótese norteadora do estudo.

A correlação entre os fatores que integram a escala de impulsividade com as manifestações de determinados medos revelou-se significativa apenas para a impulsividade atencional e os medos de menor potencial ofensivo para a espécie ( $r = .30$ ;  $p < 0,01$ ). A impulsividade atencional tem sido descrita como uma inabilidade para prestar aten-

ção e concentrar-se em determinados estímulos (Cservenka & Ray, 2017). O estudo de Wardenaar et al. (2017) demonstrou uma comorbidade de fobias específicas com transtornos relacionados ao controle dos impulsos em 17,4% dos casos.

Pode-se aventar que algum nível de dificuldade em perceber e avaliar determinadas características do estímulo, inclusive aquelas que se mostram capazes de indicar o potencial ofensivo pode estar presente. O estudo de Hur et al. (2016) sugere que os processos atencionais do cérebro e a ação do substrato neural que viabiliza as funções executivas de um modo geral podem interferir diretamente na expressão do medo conforme o estímulo apresentado. Essa relação ainda demanda, entretanto, novas testagens com base em certos paradigmas experimentais e que não foram, por certo, empregados neste trabalho, cuja proposta relaciona-se essencialmente à Psicometria.

Sintomas de depressão e ansiedade apresentaram uma correlação positiva e baixa, porém significativa com medos relacionados a fobias de menor potencial ofensivo para a espécie. O estudo de Eaton et al. (2018) indicou que fobias relacionadas a fenômenos da natureza, animais, além de serem mais prevalentes, mostram-se mais persistentes quanto à manutenção do quadro. O mesmo não ocorre com fobias mais raras e, portanto, menos associadas a organismos ou fenômenos de maior potencial ofensivo para o Homo sapiens. Nesse sentido, é plausível considerar o fato de que sintomas de ansiedade, estresse e depressão podem ter alguma relação com um medo mais acentuado para situações menos perigosas. Considerando que a ansiedade se manifesta através de um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado da antecipação de perigo, a associação indicada neste trabalho, ainda que fraca, demonstra ser explicável (Craske & Stein, 2016).

O trabalho de Wardenaar et al. (2017) indicou, nesses termos, que fobias específicas apresentam uma comorbidade com transtornos de humor em 34,3% dos casos e em 41,2% dos casos para

transtornos de ansiedade em geral. O citado estudo não avaliou, no entanto, em que medida algumas fobias específicas podem apresentar maior associação do que outras com base em critérios de periculosidade para a espécie.

O estudo de Sancassiani et al. (2019) desenvolvido na Itália indicou uma comorbidade 16,6% entre fobias específicas e depressão maior, bem como de 18,5% entre fobias específicas e ansiedade generalizada. Esses dados sugerem que a hipótese de uma correlação alta e significativa entre os sintomas ansiosos ou depressivos mensurados pela DAS 21 e determinados tipos de fobia específica poderia estar em desacordo com pesquisas recentes. Além disso, também é preciso considerar que o presente trabalho optou por compor categorias de fobias específicas distintas, sendo algumas delas bastante raras. Isso significa dizer que os achados anteriores podem ser tomados como parâmetros para nortear a discussão proposta, porém necessitam, ao mesmo tempo, de uma relativização, considerando o ineditismo da proposta descrita neste artigo.

O estudo de Hur et al. (2016) avaliou o fator neuroticismo e a sua relação com o foco atencional para determinados estímulos desencadeantes da emoção de medo. Os autores verificaram que as características ligadas a esse grande fator da personalidade ampliam a efetividade do condicionamento, interferindo nos mecanismos atencionais subjacentes. Considerando o próprio fato de que o neuroticismo abarca manifestações também ligadas à ansiedade e à depressão, tal verificação é igualmente capaz de subsidiar a discussão proposta no presente estudo.

Em termos gerais, destaca-se como o principal achado da investigação realizada o fato de que os sintomas de ansiedade e depressão não estiveram correlacionados de forma estatisticamente significativa às duas modalidades de medos relacionadas, por sua vez, ao tipo de estímulo desencadeante. Dito de outro modo, observou-se que esses mesmos sintomas se correlacionaram de forma estatisticamente significativa, ainda que branda, com medos atrelados a fobias consideradas pelos juizes/avaliadores do questionário

como não apresentando maior potencial ofensivo para a espécie. São exemplos desses temores, a reação diante de estímulos como coulrofobia (medo de palhaços) e alodoxafobia (medo de opiniões diferentes). Infere-se, portanto, que a própria abrangência quanto às diferentes fobias específicas que podem ser catalogadas e cuja vastidão dificulta a própria inserção dessas denominações no DSM-V constitui-se como um campo de investigação que ainda demanda inúmeros trabalhos. Isso significa dizer que as especificidades que podem contribuir para o medo de diferentes estímulos sugerem relações distintas com outros transtornos descritos no citado manual.

Uma hipótese evolutiva para a etiologia de alguns transtornos de ansiedade não foi, entretanto, refutada pela presente pesquisa. Essa asserção deve-se ao próprio fato de que houve diferença estatisticamente significativa quando comparados os escores de medo para as duas categorias de estímulos ( $t = 35,7$ ;  $gl = 147$ ,  $p < 0,01$  e  $d = 0,81$ ). Em outras palavras, os escores relacionados a situações, organismos ou objetos de maior potencial ofensivo para a espécie foram verdadeiramente superiores. Esse achado, coaduna-se com outros estudos que identificaram maior retenção e aquisição de medo em casos que possuem maior potencial de perigo (Lange et al., 2019). Além disso, um estudo desenvolvido sobre fobia de aranha e de cobra revelou que estas podem ser caracterizadas por uma retenção diferencial aprimorada e padrões de ativação cerebral alterados durante a aquisição do medo. Essas descobertas fornecem informações sobre as alterações da aprendizagem do medo em casos de fobias específicas e a sua relação com fatores evolutivos (Zsido et al., 2018).

Em relação às emoções, o medo fóbico pode estar associado a conectividades do processamento de emoções. O estudo de Stefanescu et al. (2018) investigou as redes de medo fóbico e as mudanças de conectividade funcional em dois tipos de fobias específicas, os achados mostraram que os participantes que possuíam fobia de cobra e fobia dentária (subtipo fobia lesão de sangue)

não possuíam controle inibitório quando comparados ao grupo controle, e demonstraram níveis de medo diferentes em relação ao estímulo. O subgrupo de fobia dentária por exemplo, apresentou maior medo quanto a estímulos auditivos em relação ao grupo de fobia de aranha (Stefanescu et al., 2018). Tais achados mostram que os diferentes tipos de fobias específicas, embora estejam relacionadas aos níveis de medo, podem diferir em relação aos estímulos específicos de cada elemento fóbico e no que concerne à ansiedade encontradas em outros transtornos.

As características dos estímulos apresentados em diferentes tipos de fobias interferem na sensibilidade à detecção de ameaças. O estudo de Weierich e Treat (2015) revelou que pessoas que apresentavam fobia de aranha mostraram maior inclinação à detecção visual de ameaças em relação a estímulos não ameaçadores. Tais resultados demonstram que o processamento em relação a ameaças pode ser um facilitador para o aparecimento e a manutenção de certas fobias. Em consonância, o estudo de Klan et al. (2016) buscou investigar os substratos neurais em relação à previsibilidade de ameaças nos transtornos de pânico e fobia específica, e os resultados demonstraram diferenças em relação à generalização do medo e da atividade neural reduzida nas áreas parietais dominantes no hemisfério direito, que é associada à atenção emocional e à alocação de atenção. Dessa forma, pode-se compreender as correlações encontradas entre a impulsividade atencional e os medos específicos de baixo perigo ofensivo a partir da relação descrita no estudo.

Nesse sentido, a literatura indica que o tratamento de exposição voltados ao aumento de extinção e nova consolidação da memória do medo tem se mostrado eficaz na medida em que produzem os mesmos efeitos que o tratamento farmacológico, quando comparado com esse (Meyerbröker et al., 2018). Além disso, outro estudo identificou que características positivas de saúde mental, compreendidas como fatores de bem-estar psicológicos agem como preditores de remissão de sintomas de pacientes que estão

em terapia de exposição para fobias (Teismann et al., 2018). Portanto, infere-se que os resultados encontrados neste estudo podem ter relação em algum grau com as qualidades referentes à saúde mental dos participantes.

No que se refere às limitações desta pesquisa, embora configure-se como um estudo exploratório, destaca-se o fato de que a amostra poderia ser ampliada, reservando ainda a possibilidade da participação de um número maior de mulheres. Além disso, o questionário usado valeu-se de uma validação de conteúdo apenas. Em grande parte, essa opção deve-se ao fato de que a diversidade de fobias catalogadas pelas ciências da saúde, implicaria na necessidade de um estudo muito amplo da análise fatorial para que algumas propriedades psicométricas fossem reveladas. Entretanto, o número de fatores extraídos poderia inviabilizar a testagem da hipótese proposta, considerando que a covariância de alguns itens relacionados a determinadas fobias menos frequentes poderia ser explicada por diferentes motivos. Entretanto, os autores consideram que um estudo posterior mais abrangente e capaz de viabilizar a análise fatorial aludida é desejável no contexto nacional.

## Referências

- Ahs, F., Rosén, J., J. Kastrati, G., Fredrikson, M., Agren, T., & Lundström, J. N. (2018). Biological preparedness and resistance to extinction of skin conductance responses conditioned to fear relevant animal pictures: A systematic review. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 95, 430-437. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2018.10.017>
- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Author. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- Atlas da Saúde. (2019). *Lista de fobias*. [https://www.atlas-dasaude.pt/lista-de-fobias?title=&body\\_value=&page=1](https://www.atlas-dasaude.pt/lista-de-fobias?title=&body_value=&page=1)
- Barratt, E. S. (1959). Anxiety and impulsiveness related to psychomotor efficiency. *Percept Mot Skills*, 9(2), 191-198. <https://doi.org/10.2466/pms.1959.9.3.191>
- Craske, M. G. & Stein M. (2016). Anxiety. *The Lancet*, 388(10063), 3048-3059. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)30381-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)30381-6)
- Cservenka, A., & Ray, L. A. (2017). Self-reported attention and land motor impulsivity are related to age at first methamphetamine use. *Journal Addictive behaviours*, 65, 7-12. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2016.09.008>
- Eaton, W. W., Bienvenu, O. J., & Miloyan, B. (2018). Specific phobias. *The lancet. Psychiatry*, 5(8), 678-686. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(18\)30169-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(18)30169-X)
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS*. Artmed.
- Hur, J., Jordan, A. D., Berenbaum, H., & Dolcos, F. (2016). Emotion-attention interactions in fear conditioning: Moderation by executive load, neuroticism, and awareness. *Biological Psychology*, 121, 213-220. <https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2015.10.007>
- Klan T., Persike M., & Hiller W. Therapeut enbegleitete und patientengeleitete Exposition bei Panikstörung mit Agoraphobie. *Zeitschrift Fur Klinische Psychologie Und Psychotherapie*, 45(1), 36-48. <https://doi.org/10.1026/1616-3443/a0000348>
- Lange, I., Goossens, L., Bakker, J., Michielse, S., Marcelis, M., Wichers, M., Os, J., Amelsvoort, T., & Schruers, K. (2019). Functional neuroimaging of associative learning and generalization in specific phobia. *Progress in Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, 89, 275-285. <https://doi.org/10.1016/j.pnpb.2018.09.008>
- Lipp, O. V., Kempnich, C., Jee, S. H., & Arnold, D. H. (2014). Fear Conditioning to Subliminal Fear Relevant and Non Fear Relevant Stimuli. *PLOS ONE*, 9(9), 1-6. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0099332>
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck depression and anxiety inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. <https://doi.org/10.1016/j.brp.2012.05.003>
- Magee, W. J., Eaton, W. W., Wittchen, H. U., McGonagle, K. A., & Kessler, R. C. (1996). Agoraphobia, simple phobia, and social phobia in the national comorbidity survey. *Archives of General Psychiatry*, 53, 159-168. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1996.01830020077009>
- Malloy-Diniz, L. F., Mattos, P., Leite, W. B., Abreu, N., Coutinho, G., de Paula, J. J., Tavares, H., Vasconcelos, A. G., & Fuentes, D. (2010). Tradução e adaptação cultural da Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11) para aplicação em adultos brasileiros. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(2), 99-105. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000200004>
- Marstaller, L., Burianová, H., & Reutens, D. C. (2016). Dynamic competition between large-scale functional networks differentiates fear conditioning and extinction in humans. *Neuro Image*, 134, 314-319. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27079532>
- Méndez-Bértolo, C., Moratti, S., Toledano, R., Lopez-Sosa, F., Martínez-Alvarez, R., Mah, Y. H., ... Strange, B. A. (2016). A fast pathway for fear in human amygdala. *Nature Neuroscience*, 19(8), 1041-1049. <https://doi.org/10.1038/nn.4324>
- Meyerbröker, K., Morina, N., & Emmelkamp, P. M. G. (2018). Enhancement of exposure therapy in participants with specific phobia: A randomized controlled trial comparing yohimbine, propranolol and placebo. *Journal of Anxiety Disorders*, 57, 48-56. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2018.05.001>



Sancassiani, F., Romano, F., Balestrieri, M., Caraci, F., Di Sciascio, G., Drago, F. ... Carta, M. G. (2019). The Prevalence of Specific Phobia by Age in an Italian Nationwide Survey: How Much Does it Affect the Quality of Life? *Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health*, 15, 30-37. <https://doi.org/10.2174/1745017901915010030>

Santana E. M., Viana, J. C., & Soares, A. B. (2018). Desafios para avaliação da atividade cortical de indivíduos com sintomas de aracnofobia. *Anais do V Congresso Brasileiro de Eletromiografia e Cinesiologia e X Simpósio de Engenharia Biomédica*. <https://doi.org/10.29327/cobecseb.78927>

Stefanescu, M. R., Endres, R. J., Hilbert, K., Wittchen, H. U., & Ulrike Lueken, U. (2018). Networks of phobic fear: Functional connectivity shifts in two subtypes of specific phobia. *Neuroscience Letters*, 662, 167-172. <https://doi.org/10.1016/j.neulet.2017.10.031>

Teismann, T., Brailovskaia, J., Totzeck, C., Wannemüller, A., & Margraf, J. (2018). Predictors of remission from panic disorder, agoraphobia and specific phobia in out patients receiving exposure therapy: The importance of positive mental health. *Behaviour Research and Therapy*, 108, 40-44. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2018.06.006>

Van Houtem, C. M., Laine, M. L., Boomsma, D. I., Ligthart, L., van Wijk, A. J., & De Jongh, A. (2013). A review and meta-analysis of the heritability of specific phobias subtypes and corresponding fears. *J. Anxiety Disord.*, 27, 379-388. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2013.04.007>

Vasconcellos, S. J. L. (2005). *A Mente entre aberta: reflexões sobre o que a psicologia científica anda pensando sobre o nosso pensar*. Ciência Moderna.

Vignola, R. C. B., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS) to Brazilian portuguese. *Journal of affective disorders*, 155, 104-109. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>

Vries, Y. A., Al-Hamzawi, A., Alonso, J., Borges, G., Bruffaerts, R., Bunting, B., Caldas-de-Almeida, J. M., Cia, A. H., Girolamo, G., Dinolova, R. V., Esan, O., Florescu, S., Gureje, O., Haro, J. M., Hu, C., Karam, E. G., Karam, A., Kawakami, N., Kiejna, A., ... Jonge, P. (2019). Childhood generalized specific phobia as an early marker of internalizing psychopathology across the life span: results from the World Mental Health Surveys. *BMC Med*, 17, 101. <https://doi.org/10.1186/s12916-019-1328-3>

Wardenaar, K., Lim, C. C. W., Al-Hamzawi, A. O., Alonso, J., Laura H. Andrade, L. H., Benjet, C. ... Jonge, P. (2017). The cross-national epidemiology of specific phobia in the World Mental Health Surveys. *Psychol Med.*, 47(10), 1744-1760. <https://doi.org/10.1017/S0033291717000174>

Weierich, M. R., & Treat, T. A. (2015). Mechanisms of visual threat detection in specific phobia. *Cogn Emot*, 29(6), 992-1006. <https://doi.org/10.1080/02699931.2014.960369>

Witthauer, C., Ajdacic-Gross, V., Meyer, A. H., Vollenweider, P., Waeber, G., Preisig, M., & Liebl, R. (2016). Associations of specific phobia and its subtypes with physical diseases: an adult community study. *BMC Psychiatry*, 16(155), 2-10. <https://doi.org/10.1186/s12888-016-0863-0>

Zsidó, A. N. (2018). *Exploring the effects of threatening stimuli on visual search performance using different experimental designs* [Doctoral PhD dissertation, Doctoral School of Psychology, University of Pécs, Pécs]. <https://pea.lib.pte.hu/handle/pea/15>

Zsidó, A. N., Arato, N., Inhof, O., Janszky, J., & Darnai, G. (2018). Short versions of two specific phobia measures: The snake and the spider questionnaires. *Journal of Anxiety Disorders*, 54, 11-16. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2017.12.002>

---

## Silvio José Lemos Vasconcellos

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Professor Adjunto III da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), nos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia, em Santa Maria, RS, Brasil.

---

## Andressa Rocha da Cas

Psicóloga formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Mestre em Psicologia pela mesma instituição.

---

## Stephane Mossmann Ferreira

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Psicóloga Residente do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), em Santa Maria, RS, Brasil.

---

## Juliana Thais Schneider

Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Cursa especialização em Terapias Cognitivo-Comportamentais pela Wainer Psicologia.

---

## Carolina Bevilacqua Vedoin

Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Pós-graduanda em Terapia Cognitivo-Comportamental pela Comportamente.

---

## Thamires Pereira Barbosa

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Rio Grande, RS, Brasil. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil.

---

**Endereço para correspondência**

Silvio José Lemos Vasconcellos

Av. Roraima, 1000

97105-900

Santa Maria, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*